



Jornal das Senhoras – Tomo V. – 11 de junho de 1854 – Edição 24
Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1854_00024.pdf

3º ANNO.

TOMO V. — DOMINGO, 11 DE JUNHO DE 1854.

JORNAL DAS SENHORAS.
JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

SELO: BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

CHRONICA DOS SALÕES.

Eis-me com as minhas amáveis e queridas leitoras, a contar-lhes muitas cousas que se passarão por estes dias. Uma alegre recordação sempre traz de novo os prazeres que fruímos, e se na semana, que finda-se hoje, o nosso *mundo elegante* teve muitíssimos divertimentos, recordal-os, e sorrir-lhe novas emoções, é produzir-lhe novos encantos e por isso vamo-nos entreter um pouco com o que se tem passado de mais interessante.

Outr'ora a festa do Espirito Santo era entre nós uma festa alegre, com os seus tres dias santificados e guardados, em que o descanso do trabalho diario, e os gozos de milhares de prazeres, fazião com que tal festa fosse desejada e festejada; hoje porém consiste essa recordação do passado em um só dia — em um domingo, que sendo igual aos outros, nada tem de notável e passaria de certo desaperecebido se não fossem o *prosaico* império e o leilão ao Divino com as barracas do Campo de S. Anna. E o que ha por ahi de mais monótono do que um passeio ao Campo a vêr barracas, cavallinhos e theatrinho de Telles? E no entanto é forçoso confessar que a affluencia foi extraordinária. Na noite de domingo, e na de terça-feira, em que ardeu um pessimo fogo artificial, o povo em massa concorreu ás barracas, e naquella aonde trabalhou uma companhia equestre, ou cavallinhos, houve luzida e brilhante sociedade, distinguindo-se muitas das principaes famílias. Lá para a Igreja da Lapa tambem houve sua

concorrença, mas em menor escala. E em quanto esta affluencia se dá para as barracas do Campo, os nossos salões como que ainda não se elevarão áquelle gráo de viva animação, áquella febre que o mez de junho requer. Por este tempo, em outros annos, os nossos salões gozavão outra vida, outras rissonhas emoções de prazeres e encantos que davão ao coração uma vida celestial; no entanto que hoje ha brilhante existência, mas sem a verdadeira animação. Mas querem as minhas queridas leitoras saberem a razão disto? Aposto que já advinhão?... Pois se não advinharão eu lhes digo: — é a falta do *baile do Cassino Fluminense* — Este baile é sempre a guarda avançada do inverno; o signal para a conquista dos salões; este anno porém elle se tem demorado, e isto tem feito com que o furor dos bailes ainda não apparecesse. Comtudo as nossas amaveis e elegantes do tom não se desanimem, porque se me diz muito em segredo, que por todo este mez o Cassino dá o seu primeiro baile, e então veremos como a febre se desenvolve. Já o *Club* annunciou o seu primeiro baile de estação para o dia 17: as Sociedades de Beneficencia Portugueza e Franceza seguirão apóz o do *Cassino*. Que de noites tão bellas não teremos a *gozar*! Como não sonharemos já com todos esses encantos e prazeres que nos esperão?...

E esta? estou aqui a *tagarellar*; (deixem passar o termo que é agora parlamentar) no entanto que prometti contar o que se passou na semana, e por

ora nada. Mas, tambem não tenho pressa; lá diz o adagio de *vagar se vai ao longe, e bem tolo é quem se mata*; e por isso vamos de vagar que chegaremos ao fim.

No sabbado instalou-se no salão da *Vestal* uma nova Sociedade bailante, que tomando o nome de *Apollinea*, promette uma longa vida. A sua primeira reunião não esteve má; muita moça bonita, muito *toilette* de gosto, e muita animação. Nessa mesma noite a *Harmonia* de Nictheroy deu o seu baile na sua bella e espaçosa casa; e, como sempre, houve brilhante concorrência. Os dous *toilettes rozas* forão as moças mais bellas que estiverão no salão, principalmente a joven argentina; isto na opinião de alguns; outros querião que fosse o *toilette* preto, que é uma das mimosas flores que habita Nictheroy; cá por mim não posso nada dizer acerca disto, porque lá não estive, e se estivera emittira a minha franca opinião como costume.

No domingo houve uma corrida particular no *Prado Fluminense*. Parece-me que já estão cortando-me na pelle, e dando bem boas risadinhas sobre o eu fallar de corridas de cavallo na

Chronica dos Salões; e que alguma das minhas amiguinhas com o seu sorriso zombeteiro está dizendo:

— Que disparate! Tomara saber que paridade existe entre corridas de cavallos, e o movimento do mundo elegante nos nossos salões!

— Ora esta é boa: Se á corrida concorre tudo quanto ha de elegante; se as nossas bellas para lá vão abrilhantar a reunião, como deixar de mencional-a na *Chronica*? Além de que a corrida de domingo, foi feita por moços distinctos, que convidarão tudo quanto ha de elegante na Sociedade do Rio de Janeiro para tornarem luzida a reunião, e assistirem ao seu divertimento todo particular, que esteve o mais bello possível. As corridas forão feitas na melhor ordem: Suas Magestades Imperiaes estiverão presentes, e extraordinário numero de espectadores; e os vencedores ao receber os prêmios, agradecião ás muitas bellas que lá estavam, os seus sorrisos de applausos.

Mas se commetti grande disparate fallando nessa corrida, o dito por não dito; esqueçamo-nos de tudo, menos de um rostinho de anjo vendado pela renda de blonde de um chapéo preto com fitas encarnadas, que á direita da archibancada, teve tantos sustos com essa corrida.

Esta semana tambem tem havido bastantes *soirées*. Domingo, na rua do Lavradio, por occasião de uns annos, reunirão-se os amigos e parentes do Sr. A. J. de S. Rego, e passou-se uma bella noite. Dançou-se e cantou-se com alegria propria de taes occasiões: foi uma funcção guapa, pois que não faltarão lindas moças, para tornar o soirée do Sr. Rego muito primoroso, e por todos elogiado.

Pelo Cajú tambem houve um lindíssimo saráo, bastante concorrido e bem animado.

E' verdade, ia me esquecendo contar-vos que o theatro de S. Pedro de Alcântara, deu dous bailes mascarados, um no sabbado e outro no domingo. Isto de *masqué* fóra do carnaval, são fructas fóra de tempo, e o povo não quer aceitar semelhante divertimento, que assim, da maneira porque vai, virá a cahir, e ha de sempre acontecer, como agora, que estiverão frios, sem enthusiasmo, e inteiramente aborrecidos. Se pelo carnaval pouco ou nenhum espirito apparece nos bailes dos theatros, poucos ou nenhuns costumes se vêem que mereção uma distincção honrosa; muito menos agora que o povo não tem *influencia*; e os bailes mascarados morrem, como os dous ultimos.

O antigo *Provisório*, e hoje *permanente lyrico fluminense*, abriu de novo as suas portas. Já lá vai o susto e os terrores. O theatro está são como um pêro; o respeitável publico porém anda um pouco desconfiado; verdade é que não é das melhores cousas morrer a gente assim

como ratos ou baratas; mas os Srs. engenheiros segurarão as nossas vidas, e não deve haver medo.

Um destes dias disserão-me que eu fallava muito, e que era uma formidável abelhuda. Ora, como a graça foi dita por uma minha amiguinha do coração, que por signal é linda como os amores, e que mais linda ainda se torna quando está com seus arrulos, como em certo domingo lá em S. Christovão; eu tolerei a graça; mas fiquei sempre um pouco desconfiada que não me julguem todos por ahi da mesma maneira. E quem sabe! Que dizem as minhas queridas leitoras? Pelo sim, pelo não, será bom que ás vezes não falle tanto; por exemplo, hoje já tenho fallado muito, não é assim? Pois então basta.

Francina Oscenia.

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 23.)

Havia alguns annos que Henrique de Saint-Lorent vivia tranquillo e feliz com a sua esposa, inscientes do espirito maligno que forcejava por descobril-os e effectuar sua ruina. Julgando que Miranda era morto, cederão ao irresistível desejo que os possuia de visitar a Hespanha, Mira porque esperava encontrar sua mãe, e Henrique porque promettêra entregar a Isabel o anel daquelle que a sepultura cobria ha muitos annos. Chegando a Madrid, resolverão demorar-se ahi algum tempo, para continuarem suas mutuas indagações. Um dia, passando pelo convento das Mercês, não pôde Mira despregar os olhos da entrada, e assegurou a seu marido que era este, e não outro, o convento onde costumava leval-a na sua infância. Entrarão na igreja, e não tinham ahi estado muito tempo, quando Henrique

— 187 —

sentiu que alguém lhe tocava na mão. Voltando o rosto, viu uma leiga do convento; olhou para ella com admiração, mas logo que o chamou familiarmente pelo nome, reconheceu, pela voz, que era a mãe de sua esposa. Mira, que a conheceu também, mal ella abriu a boca, correu a abraçal-a e a dar-lhe o terno nome de mãe! Mas Zagurina fel-os sahir logo da igreja, e só depois que os viu fóra é que se entregou ao prazer que lhe fazia experimentar tão feliz e inesperado encontro.

— Rendo mil graças a Deus, disse ella, por tornar a ver-vos; porém ide-vos, meus filhos! Tenho deveres sagrados a cumprir, dos quaes depende a vossa futura felicidade. Dizei-me onde morais, e amanhã irei ter comvosco.

E despediu-os á pressa, pedindo-lhes que não sahissem mais de casa até que ella os visse.

Os últimos fios da téa estavam quasi unidos: quiz a sorte que, poucos minutos depois de separarem-se, sahisse Miranda do palácio da inquisição, e que, passando por Henrique e sua esposa, os reconhecesse logo.

Miranda, pallido e tremulo, fitou seus olhos de basilisco nos dous esposos: a excessiva belleza de Mira, e o rosto alegre de seu marido, mostrarão-lhe o muito que tinha perdido; a paixão que por tanto tempo abafára no peito e que agora despertava com redobrado vigor, excitou-o a tomar uma resolução terrível.

— Ahi estão elles! escapou-lhe dos pallidos lábios, mas estão em meu poder! Miranda deu um signal que a sua gente entendeu; antes que os desventurados esposos chegassem á casa, forão agarrados pelos familiares do santo officio, e antes de poderem adivinhar o que delles se exigia, as portas de ferro de masmorras separadas tinham-se fechado sobre elles.

No sentido mais lato do seu tremendo poder, jurou Miranda a perdição de ambos. O amor que elle sentira não se tornaria em illusão impunemente: ninguem, sem elle ser vingado, o roubaria da sua felicidade! Os dous entes innocentes forão entregues ao juizo da inquisição. Miranda apressou o seu julgamento. O crime principal de que Mira era accusada, era o de ser filha de uma infame judia, e de ter seduzido Henrique a despozar-a e iniciar-se nas suas praticas blasphematorias. Como não podião negar que tinham visto Zagurina com os trajés de judia, nenhuma outra prova era necessária. Forão julgados criminosos e os seus nomes inscriptos na lista dos condemnados á morte.

Miranda embebia-se no prazer insólito que lhe causava a desesperação das suas victimas. Aos desgraçados esposos estava ainda reservado conhecer a mão que os trucidava; conhecer o vingador que, qual espectro, se levantara da sepultura para destruir a sua felicidade.

Quando, terminado o ultimo exame, erão conduzidos para os seus cárceres, ordenou Miranda que os levassem á sua presença. Entrarão por portas separadas, e ao verem-se correrão a abraçar-se; mas Miranda lançou-se como um tigre entre elles, exclamando: — Conheceis-me?

Reconhecerão Miranda, mas não se intimidarão, porque, innocentes, esperavão que o amigo que encontravão seria o seu libertador; e a um tempo bradárão: — Pai, salvai os vossos filhos! O nome de pai, outr'ora tão agradável a seus ouvidos, só serviu agora para augmentar a sua ira; arrojou Mira de si, lançou-lhe em rosto os maiores vituperios, e assegurou-lhe que era

só a sua mão poderosa que a tinha votado á morte, e sahiu, dando ordem para que fossem conduzidos a seus respectivos cárceres.

Henrique, sentado na humida palha que lhe servia de leito, procurava em vão consolar-se, quando viu entrar o carcereiro com uma luz e alguns viveres. Ao entregar-lh'os, reconheceu nelle o filho de seu antigo amo, que o protegera em circumstancias mui criticas, e que o livrara de ser enforcado como espião.

— Senhor, disse-lhe elle, agora pagarei parte da divida de gratidão que vos devo, ajudando-vos a fugir das mãos cruéis em que por desgraça cahistes. Deste cárcere, senhor, só se sahe para morrer! Henrique folgou muito de encontrar um amigo na sua desgraça; mas podia elle deixar Mira na mão de seus algozes? O grato carcereiro convenceu-o que não podião fugir ambos ao mesmo tempo, e prometeu-lhe conseguir a fuga de Mira, se elle annuisse ao seu projecto, com o que faria persuadir a todos que se tinha suicidado. Henrique accedeu aos desejos do carcereiro; o plano foi bem succedido, e Saint-Lorent chegou ás fronteiras, onde lhe promettêrão que sua mulher se lhe iria reunir.

Henrique e Mira forão condemnados á morte, e o tribunal fixou o dia para o auto de fé em que os seus corpos devião ser entregues ás chammas. Miranda aguardava com impaciência o dia da execução. Desde que se publicara a sentença de morte, e que se soubera que Henrique se tinha suicidado, o somno o havia abandonado. Na véspera do dia marcado para o auto de fé, foi procural-o em sua casa uma leiga do convento das Mercês, para entregar-lhe um bilhete da abbadessa, em que esta lhe pedia que a fosse visitar incontinente, por ter cousa de grande momento a communicar. Miranda não se fez esperar. A leiga o conduziu á grade do convento, onde lhe pediu se demorasse, enquanto ia dar parte á abbadessa. Achando-se só, deitou os olhos para um retrato que estava pendente na parede, e que representava uma mulher formosa com hábitos de freira. O seu coração começou a bater, que reconheceu elle logo as feições, e parecia-lhe que os amáveis lábios ião abrir-se para pronunciar seu nome. Não sabendo se via o retrato de Mira, ou se tinha diante de si feições que de ha muitos annos não lhe era dado ver, mal podia decidir-se, quando, tocando-o alguém no hombro, lhe perguntou: — Agrada-vos esse retrato? Miranda recuou espantado, que atraz d'elle achava-se Zagurina.

— Desvia-te, feiticeira! brada elle fóra de si, não te quero ver. Vim aqui para fallar á abbadessa do convento; como te atreves tu a penetrar neste santuário?

— Senhor, respondeu Zagurina, a abbadessa mandou que vos viesse vêr, que muitas cousas tendes a explicar-me antes que ella possa fallar-vos! Senhor, continuou ella, por tudo que neste mundo ha sagrado, dizei-me a verdade; sabeis o que é feito de Mira e de seu marido?

Eu os vi como uma aparição, e depois não me tem sido possível encontral-os. Procurei-os por toda a capital, e enfim lembrei-me, e receio com muito fundamento, que

— 188 —

talvez cahissem nas garras do vosso tremendo tribunal.

Miranda olhou para ella com um sorriso do inferno, e disse-lhe:

— Sim! para ti estão perdidos! a minha mão poderosa atingiu os infames, e te aniquilará a ti tambem!

— Senhor, disse Zagurina em tom submisso, por esse retrato que ahi vedes, eu vos supplico me digais o crime que commettêrão meus filhos.

— E podes tu ainda perguntar-me que crime commettêrão, infame judia? bradou Miranda. Roubárão-me toda a minha felicidade, e só a sua morte póde vingar-me. Ouve! a tua filha era o objecto que eu mais amava sobre a terra, o anjo que eu adorava; mas o pérfido Saint-Lorent, o único homem a quem tive a fraqueza de confiar o meu segredo, entrou como um salteador em minha casa, durante o meu infeliz captiveiro, e roubou-me o amor da minha noiva; ella o acompanhou, e deixou-me na pobreza, para errar por todo o mundo em busca della, e sepultar as melhores affeições do meu coração debaixo destes hábitos fradescos.

— E é esse o seu único crime? tornou Zagurina.

— E' um crime que clama vingança! respondeu Miranda; mas o tribunal da inquisição condemnou-os á morte porque são teus filhos, detestável herege! O cobarde Saint-Lorent já terminou seus dias, e amanhã verás tu arder a ingrata Mira no fogo que ha de acalmar as tormentas do meu coração!

— Deus de misericórdia! exclamou uma voz por detraz da grade, e Miranda viu a abbadessa de joelhos, e quasi desmaiada. Zagurina levou-o para a grade e perguntou-lhe:

— Conheces tu essa mulher? Olhou, e viu o original do retrato; o véo do tempo, de ha muito passado, estava roto, e Miranda exclamou: Isabel!

— Ainda me conheces? perguntou-lhe ella: ainda te não esqueceste da fiel, da abandonada Isabel? daquella que hoje se lança a teus pés para implorar-te que salves a nossa filha?

— Meu Deus! que dizes! cala-te! bradou Miranda recuando horrorisado; cala-te! o que é que proferirão teus lábios?

— O mais caro, o mais sagrado segredo da minha vida! Mira é nossa filha!...

Miranda cahiu no chão, aniquilado.

— Quando me arrancarão, continuou Isabel, do retiro em que vivíamos, trouxeram-me para este convento. Aqui nasceu a tua filha, e aqui fui eu obrigada a ensinar. Confiei o penhor do nosso amor á minha fiel Clarita. Ella o educou com a ternura de uma mãe. Disfarçada em judia, levou nossa filha em sua companhia, e foi procurar-te para vêr se eras digno della, e confial-a a teus cuidados. Depois de correr toda a Hespanha e grande parte da França, foi encontrar-te gravemente ferido, e deu-te Mira por enfermeira. A voz da natureza fez-se sentir; affeioaste-te a Mira, e a imprudente Clarita deixou-a em teu poder e veio ter commigo. Durante esse tempo, exaltáram-se as tuas terríveis paixões... furtaste a tua própria filha!...

— Oh! Céus! para que me occultaste tu que era ella minha filha? exclamou Miranda traspassado de dor. Clarita, que tinha sahido para despir os trajes de judia, entrou então com habito de leiga, e dirigindo-se a Miranda, disse-lhe:

— Não vos lembrais da maneira por que metti o anel de Isabel no vosso dedo? não vos recordais do muito que vos pedi, quando suppuz ser chegada a vossa ultima hora, que me confessásseis onde estava minha filha, e do quanto procurei despertar em vosso coração lembranças do passado?

Mas vós arrojastes para longe o retrato de Isabel, e querieis assassinar-me! Pedi então a Deus que terminasse vossa existência no campo da batalha! O Céu pareceu ouvir-me; vi-vos cahir! Não houve perigo que me estorvasse de ir procurar-vos entre as fileiras da morte, para declarar-vos o segredo do nascimento de vossa filha, e pedir-vos me dissésseis onde ella estava, mas já tinheis perdido os sentidos, e o inimigo vos levou. Eu mesma fiquei prisioneira até á paz; publicada esta, voltei á Hespanha, e, com grande admiração minha, vim achar-vos aqui, coberto com esses hábitos fradescos. Tudo poderia ter terminado felizmente, pois a sorte conduziu tambem para aqui vossa desventurada filha; mas, ah! no mesmo momento em que tratava de reunir-vos, era Mira condemnada á morte por seu proprio pai!...

— Oh! meus filhos, meus innocentes filhos! exclamou Miranda na maior desesperação: sim, eu amava, eu idolatrava essa menina sem conhecer a origem dessa affeição; hoje a vejo claramente; contemplava eu nella a joven imagem de Isabel!

Isabel pedia a Miranda que salvasse os dias de sua filha; mas Miranda, com os braços cruzados e a cabeça cahida sobre o peito, soluçava, chorava, regava o pavimento com as suas lagrimas, e não podia proferir palavra. Isabel pediu-lhe que arriscasse mesmo a sua vida para salvar a de sua filha. As suas faculdades parecerão reassumir, enfim, toda a sua energia: — Ou eu a hei de salvar, exclamo elle, ou perecer com ella! E, sem dizer mais palavra, voou do convento ao palacio da inquisição.

Pallido e desalinhado, entrou na câmara do inquisidor-mór, onde sempre tinha livre acesso, e pediu-lhe uma audiência particular. O inquisidor accedeu ao seu pedido, admirado de vel-o, habitualmente insensível e taciturno, em tão violenta agitação de espirito. Desde que o amor paterno se tinha apoderado de sua alma, e que trabalhava elle por salvar a vida de uma filha, mudára-se a sua natureza, e os sentimentos mais puros o animavão. Referiu ao inquisidor-mór as principaes circumstancias de sua vida, sem o menor disfarce, e accusou-se de ser o único criminoso. Acabada a sua narração, apertou-lhe o velho inquisidor a mão e disse-lhe:

— Desventurado pai! ainda assim, a tua filha morrerá!

Miranda abraçou-lhe os joelhos, e, com palavras arrancadas do coração, implorou-lhe que salvasse sua filha! mas o juiz conservou-se inexoravel.

— Pronunciada a sentença pelo nosso tribunal, nada ha no mundo que a faça revogar! respondeu o inquisidor levantando-se. Vós mesmo accusastes vossa filha: reconhecei nisso as sábias disposições do Céu. A sua morte será a expiação dos vossos peccados e dos peccados de Isabel.

— Veneravel padre! bradou Miranda, se cumpre sacrificar uma victima, deixai-me morrer por ella.

— Não! que ainda não terminarão as tuas provações. Se tua filha é pura e innocente, com mais resignação debes vêr terminar seus dias. Houve

— 189 —

tempo em que eu julguei a morte um castigo, mas hoje conheço que é sómente o caminho por onde se passa da escuridão para a claridade, os raios do sol, que fazem cahir a fructa madura.

Miranda viu que era impossivel salvar sua filha. A' dor que o acabrunhava succedeu a ira a mais violenta. Arrancou do seio um punhal, e jurou que morrerião todos os que o rodeassem antes de perecer sua filha pela mão do algoz. O inquisidor deixou-o, depois de ameaçal-o com a sorte da filha, e ordenou á sua gente que o vigiasse, e lhe não permittisse entrar no palácio da inquisição enquanto não estivesse terminado o auto de fé.

Não podendo salvar a filha, nem ao menos vel-a, foi ter Miranda com o confessor que devia acompanhar-a ao supplicio, confiou-lhe o segredo da sua historia, pediu-lhe que a referisse á sua filha e que a reconciliasse com seu desventurado pai. O padre prometeu tudo o que elle pediu, e cumpriu a palavra.

Por fim, raiou o sol que devia allumiar a horrível scena de morte! A côrte hespanhola, em grande gala, e a maior parte da população de Madrid, estavam reunidas na praça da

inquisição, para assistirem á tragedia. Os truculentos juizes occupavão os seus logares, e o mesmo Miranda estava presente. O velho inquisidor, julgando que o pai tinha vencido a sua fraqueza, recebeu-o com um sorriso. Dada a hora, approximou-se a procissão, escoltada por grande força militar; no centro vinhão os sentenciados, marchando em tetrico silencio: o ultimo era mulher, e ia levada por dous familiares, que o seu estado de fraqueza não lhe permittia caminhar só. Era Mira. Mas, mal tinha chegado ao logar em que estava Miranda, arremessou-se este por entre os guardas, qual leão determinado a defender os filhos; derribou os familiares, tomou Mira nos braços, cortou pelas alas da tropa, e, mettendo-se entre o povo, bradou-lhe que a salvasse das mãos do algoz. Mas a timida plebe não se moveu. Os guardas, á voz do inquisidor-mór, penetrarão por entre o povo, e tentarão separar o pai da filha. Mas as delicadas mãos de Mira estavam cravadas no pescoço do pai. Com voz sumida disse-lhe ella: — Matai-me! ah!, matai-me, meu pai!!

Miranda imprimiu-lhe na pallida testa o seu primeiro e ultimo beijo paterno, e, pegando do punhal, embebeu-o na tremula victima até o coração! Mira cahiu! Do seu ensangüentado corpo foi arrancada outra victima, que, desesperando de a vêr salva, resolvera perecer com ella, e chegára a tempo de presenciar a triste catastrophe de uma filha pedindo a morte como um bem da mão daquelle que lhe déra a vida!

(Monthly-Magazine.)

POESIA.

A MIMOSA SINHÁ.

Horas peniveis, horas tormentosas
Eu não gemera, não chorára — rouco —
Longe... tão longe das irmãs mimosas,
Se eu morresse inda ha pouco.

De ais pungentes exhalar — constante —
Já não tivera o coração tão ouço,
Se ao nada eu fosse no mais breve instante,
Se eu morresse inda ha pouco.

De Marilia infida o cruel rigor

Eu não provára em desespero — louco —,
E só da morte sentiria a dor,
Se eu morresse inda ha pouco.

Rio, 11 de Abril de 1854.

É SINHÁ.

Quem neste mundo só terá meu peito —
Inteiro — aos mimos seus escravizado,
Em cumprir seus mandatos satisfeito?

E' Sinhá.

Quem faz-me gemer tanto e suspirar,
A's minhas dores surda? Quem — ingrata —
Com igual extremo me não sabe amar?

E' Sinhá.

Quem na terra vasta — para mim mais bella
Eu conheço, eu adoro, eu rendo cultos,
Cultos de coração? Quem será ella?

E' Sinhá.

Por quem — gostoso — os ares beberei?
Por quem viver desejo, viver quero?
Por quem a vida aind'assim darei?

Por Sinhá.

Rio, 15 de Abril de 1854.

A HARPA.

A harpa dizem que é o instrumento dos anjos. Eu creio. E' o instrumento mais melodioso que conheço, aquelle som melancolico que se desprende de suas cordas, toca-me todas as fibras do peito, amei-ga-me o coração, prende-me a voz, immobilisa-me o olhar, suspende-me a respiração, enlanguede-me a vista, inutilisa-me os gestos, torna-me a palavra, arrebatada a alma, extasia-me o pensamento! oh! é bem verdade que a harpa é o instrumento dos anjos. E' talvez a seu som que a virgem embalou seu filho, que Deus descança da sua fadiga interminável, foi sem duvida ao seu som que Deus formou a mulher! A mulher que é o mais bello pensamento de Deus, a nota mais suave do còro de seus anjos, o verso mais doce da poesia da natureza, o canto mais perfeito da epopeia do mundo. Eu não sei que mysteriosa harmonia existe para mim entre a mulher e a harpa! Oh! é que a mulher é a harpa do poeta. Ao desferir de suas cordas elle sente o coração palpar-lhe ancioso, seus olhos tímidos estremecem a seu contacto, um véo de limpidez cobre-lhe os olhos, sente a alma refluir-lhe inteira aos lábios, e elle a deposita n'um beijo respeitoso e casto aos pés desse instrumento melodioso, tão puro e delicado como se fosse feito para as mãos de Deus!

E' que o poeta é um composto de sensações um typo de pureza quando se comprehende, uma harmonia de sons, uma melodia de pensamentos, uma divindade quasi! Mas a harpa tocada muitas vezes fere por fim os dedos que a desferem. E' como uma rosa ciumenta que guarda com seus espinhos o perfume de suas pétalas, e para que ella não tenha espinhos como a rosa de Bengala, é preciso, como disse um poeta, que não tenha pudor nem perfume!... Assim a mulher tocada muitas vezes pelo poeta acaba por feril-o com as setas de sua ingratidão, sente-se como a harpa, e irrita-se como a rosa. Mas a harpa e a rosa ferem sómente os dedos que a tocam, e ella fere o coração e a alma dos poetas, porque estes tocam-nas sómente com as cordas do sentimento (deixem-me dizer) que são os dedos do poeta. A mão póde quebrar-lhe uma corda, póde marear-lhe o brilho, mas o coração excitado, póde apenas sensibilisar-lhe a compaixão.

Eu tenho cá para mim que a mulher é como uma imagem pura e lúsidia a quem os fumos do incenso acabão por furtar-lhe a pureza e desmaiar-lhe o brilho. E no entanto eu amo a harpa com suas susceptibilidades, a rosa com seus espinhos e a mulher com seus rigores. Quando a harpa desprende uma nota eu tenho vontade de identificar-me com ella e subir quem sabe? para os céos. Quando sorvo um perfume da rosa, parece-me que o coração embriagado perde-se com elle na amplidão do espaço, e quando meu sentimento estremece ao rigor de uma mulher sinto um beijo saltar-me aos lábios para apagar-lhe o calor! no entanto a nota que foge, deixa-me

uma saudade, o perfume que se esvai, uma recordação extatica; e o rigor que me fere, um desejo por satisfazer.

Mas amo a harpa por que é um instrumento de melodias, a rosa porque é um vaso de perfumes embriagantes, e a mulher, porque nella vejo resumido todas as perfeições da natureza, vejo o Céu em seus olhos, a noite ou a aurora em seus cabellos, a graça em seu riso, o encanto em sua voz, o perfume em seu seio, a harpa em seu coração, a rosa em seus lábios, e o bello por toda a parte!

D.

HISTORIETA.

Não ha ainda quinze dias que uma linda e seductora menina realizou o seu mais bello pensamento — cazar-se com o seu amante, áquelle a quem ella havia jurado amor, dando-lhe em penhor um coração de 16 annos, todo elle paixão.

Como não se terão passado estes dias? As venturas da lua de mel hão sido gozadas com toda a embriaguez de uma paixão amorosa. Uma noite destas porém ella tinha esgotado todo o calix dos prazeres. Sua voz melodiosa já se tinha feito ouvir n'uma bella ária da opera Sapha; as mais ternas e apaixonadas musicas tinham sido executadas sobre o teclado de Erard; o colloquio mais amoroso tinha tido logar, quando de repente um amigo appareceu a fazer uma visita a mais importuna. Nesta bella quadra da vida, o viver só dos dous amantes é em que consiste a belleza da lua de mel. Trocados os cumprimentos, appareceu uma aborrecida conversação. A noite longa, como já é, corria vagarosa e a terna esposa propoz o jogo de cartas para matar o tempo; a visita porém não sabia jogar.

— Tanto melhor vêr-nos-ha jogar o *écarté* com meu marido.

— Aceito o desafio, respondeu este.

— Mas a minha moeda para o jogo são abraços e beijos.

— Tambem aceito a moeda; a difficuldade será escripturar o debito e credito, para o final pagamento.

E começou o jogo; appostava-se abraços e beijos: a bella menina ganhou graúdo cabedal desta desejada moeda, pois que passara mais de seis partidas, e fiada na fortuna que a favorecia, dobrava o preço das apostas. Tocou as cartas ao marido que lhe perguntou quanto parava.

— A' paz de tudo que me deve, lhe respondeu ella com uma graça seductora e apaixonada.

— Não topo tanto, lhe tornou elle, largando as cartas; desta maneira ver-me-hei obrigado a fazer *banca fóra*.

O cavalheiro visitante, que tinha sido mero espectador de toda esta scena, tomou as cartas, entregou-as na mão do marido, e disse-lhe assim com ar de sonso:

— Faça, faça a mesa toda, meu caro amigo, eu levo a metade da aposta!

— 191 —

— Nada, nada, não é necessário o seu auxilio financeiro, lhe disse ella; desisto do jogo; e aceito uma letra de debito para ser paga á vista.

Neste momento foi servido o chá. A visita depois retirou-se; e a divida seria paga? Talvez que não, isto de dividas de jogo são bem difficeis de ser cobradas. Se eu fosse a credora exigiria logo o pagamento, muito mais sendo casada ha poucos dias.

Mariquinhas.

CORREIO DOS SALÕES.

Se alguém lembrasse perguntar — qual a cousa mais trabalhosa e mais difficil do mundo — outros que não eu vacillarião na resposta; porque a minha seria prompta; porque eu diria com toda a força da convicção — a cousa mais trabalhosa do mundo, é andar um filho de Christo em busca de reunir factos dispersos, para compôr uma chronica; e a mais difficil é fazer esta chronica agradável, quando os factos colhidos são poucos e sem importância.

Um chronista quasi sempre se acha, como se diz, *em maré de vasante*, sem ter o que mencionar; mas em compensação, algumas vezes elle se vê rodeado de tanta cousa importante, que mal póde decidir-se por qual começar; e dóe-lhe tratal-as em tão apoquinhado espaço, como é o do que dispomos.

Nesta colisão me acharia eu agora, se dotado como sou de um requintado *sans-façon*, não fosse marchando cá por onde me dá a cabeça, sem me importar, com o que possam dizer de bem ou de mal, sobre a minha decisão, pois penso que: é mais que tolo quem dá ao mundo satisfações. Assim pois começo hoje fallando-vos das corridas que tiverão logar no Prado Fluminense — domingo 4 do corrente.

Se me fosse permittido, por um instante, peneirar no intimo d'alma de muitas das minhas bellas leitoras, eu ainda acharia, talvez ahi, mal apagados traços dos sustos e receios que a chuva

e o máo tempo de sabbado lhes causarão — mais facilmente se apagão da superficie da terra os signaes de desordem e profundos abalos que tenha produzido um medonho cataclysm, do que se risca do coração de uma moça as impressões tristes, causadas pelo receio de perder um baile, um theatro, uma corrida, um divertimento emfim porque tomassem interesse — e não é possível que as minhas leitoras se não interessassem vivamente pelo divertimento que lhes promettião as corridas dos *gentleman-readers*. Ali se reuniu uma sociedade numerosa, bem escolhida e elegante, que procurava no campo beber as impressões que são filhas do campo, que só no campo só bebem; porque o campo é o reino da poesia, e essas impressões são a poesia; a poesia da innocencia que enche o coração de um sentimento indefinivel, que povôa a imaginação de imagens angélicas, que inspira a intelligencia pensamentos divinos, e que rompendo, como por magia, os frágeis laços que prendem a alma ao corpo, a arrebatá para uma região elevada a ouvir os cânticos dos anjos junto ao throno do Senhor. Sim, o campo é a sombra do Céu, e os filhos do campo são os filhos de Deus: mas voltemos ao que importa.

No meio de um sem numero de bellezas que atrahião as vistas e fazião saltitar os corações de tantos jovens que ali se achavão, como se achão em toda a parte onde se reúnem moças, fazia-se notar um grupo de lindas moreninhas que tinham entre si uma bella carinha de jaspe, com faces e boca de carmim — erão, assim reunidas, um elegante *bouquet* de lindas camelias encarnadas, tendo em seu centro um viçoso botão de jasmim — era um grupo digno do pincel de Rafael, Miguel Ângelo, ou Tessiano. Quanto era bella uma destas moças na simplicidade do seu trajar, que mais fazia realçar suas graças naturaes, na naturalidade de suas maneiras, na doçura de sua voz e na viveza do seu olhar!! Se a visse um pagão a chamaria deusa; se um christão a contemplasse a julgaria um anjo — anjo de belleza e simplicidade que faria crer em Deus, ao mais enraizado atheo.

Como outra dellas se tornou mais interessante, e se é possível mais bella, no prazer de sua alma, que lhe rebentou em convulsões nervosas pela victoria de um seu mano!!

Oh! como é feliz quem tem uma maninha linda e innocente, que derrama lagrimas de prazer ao menor triumpho, á mais leve satisfação do mano idolatrado?!

Erão dez horas e meia quando chegárão SS. MM. II. e em seguida começou o *tal baile* de corridas.

Nada houve ahi de importante, porque em taes casos, o que ha de mais importante é uma *quedinha*, que sempre desafia hilaridade, e todos os campeões tiverão o máo gosto de se segurarem como cavalheiros mestres — papalvos que forão, pela maior parte, que nem ganharão prêmio e nem quizerão fazer rir a tanta gente, e principalmente a tanta moça!! Que maior prêmio querião elles?

A fortuna, que tanto tem perseguido os estudantes de medicina com os novos estatutos, que lhes não deixa tempo para comer e nem liberdade de fallar, favoreceu-os esta vez nas pessoas de dous quarto-annistas que se achavão entre os corredores, e que forão ambos victoriosos.

Terminadas as corridas, passou-se á distribuição dos prêmios, que á meu ver foi mal regulada, não só por darem o terceiro a quem, de direito, competiu o primeiro, como tambem porque ninguém melhor que as pobres moças, que agüentarão toda a maçada de pé, merecião prêmios; e entretanto nem água tivérão, para lhes mitigar a sêde horrível, que, como uma peste accommetteu a todas. Coitadas! vão aprendendo que cá no mundo das miserias os innocentes também soffrem.

A volta foi como é toda a volta de alguma festa. As minhas leitoras, melhor do que eu, sabem isto como se faz e como acontece sempre — nesta não houve variedade.

Maçado da vida, sonhando sempre com a reunião

— 192 —

do Prado, eu fui dous dias depois vêr se me divertia um pouco no Campo de Santa Anna, que me dizião estar importante, com as suas barracas e festa do Espirito Santo. Gente vi eu muita reunida, mas não sei porque não achei graça na tal reunião; talvez fosse isso devido a estarem ainda muito vivas as impressões da primeira; o que é certo, é que não tive forças para esperar pelo fogo, que me dizem não esteve máo, porém tambem não estavam más as barracas e a festa, e entretanto eu as achei pessimas — isso que se diz não vale nada por que se diz muita coisa que não é.

Mas deixemos o campo, que além de não offerecer interesse, já é muito conhecido das minhas leitoras; e vamos entrar nos nossos dous theatros que desta vez reclamão altamente nossa attenção. Como vinhamos do campo entrámos no Provisório que nos ficava mais perto. Entrai, minhas leitoras, não tenhais receio: é falso, falsissimo que o theatro esteja para cahir, o systema das thesouras ha de com a graça de Deos preservar-nos desse susto. Que bella noite a de quarta feira! A Lucrecia Borgia, essa inspiração divina do poeta das contemplações que anda chorando no desterro o crime das aspirações de sua alma! Esse pensamento artístico que foi nas mãos de Donizetti moldar-se nas melodias do canto, na harmonia das notas, no sentimento do coração, na elevação do espirito, no extasi da alma! E em toda verdade a senhora Maffio Orsini comprehendeu perfeitamente o seu papel, elevou a sua voz até a altura do pensamento do poeta artista, até o mystico da melodia do poeta musico! Os demais actores desempenhárão

cabalmente os seus papeis. E' pena que o theatro esteja tão escuro, porque por mim confesso que se não fossem os olhos de uma linda estatua de alabastro de um dos camarotes da primeira ordem, não veria cousa alguma. E nem penseis que era uma estatua sem vida, como um corpo sem alma. Não; ella tem a vida a respirar-lhe na luz de seus olhos, no divino de suas feições, na côr de suas faces, nas rosas de seus lábios, no esbelto de seu talhe, em seus sorrisos melancolicos, na graça de seus gestos, e ha de tambem respirar-lhe no encanto de sua voz, no perfume de seus cabellos, na magia de suas fallas, na serenidade de sua alma, na pureza de seus pensamentos, na harmonia de seu canto! E' um anjo do Céu que veio perfumar com seu hálito as flores de algum paraíso terrestre. Ah! se eu fosse um paraíso, se eu fosse uma flor! E ella quizesse embriagar-me com seus perfumes — adormecer-me com seus cantos!...

Visteis os Funambulos, minhas leitoras, são excellentes, o Sr. e a Sra. Watrigant executão soberbamente seus exercícios gymnasticos e equilibristicos, não percais todas as vezes que os poderdes apreciar, ide ao theatro de S. Pedro, porque assim abrilhantareis os seus jogos, e dar-me-heis occasião de vêr-vos sem sêr visto. Esta quinzena foi rica, minhas leitoras, embora vos dissesse a principio que a cousa mais difficil que ha é colher factos para uma chronica, desmenti minhas próprias palavras, apresentando-vos esta. O beneficio de M.me Kastrupp, teve logar quinta feira; a Sra. Casaloni ainda uma vez deu provas de seu talento na Cenerentola. De bailes, minhas leitoras, é que não fomos mimoseados. A febre do Espirito Santo deu apenas para corridas, barracas, fogos, espectaculos de todo o gênero, mas esperemos que a febre dos bailes ha de vir tambem por sua vez acalorar vossas faces, estremecer vossos peitos, doudejar vossas valsas, palpitar vossas arterias, e como sombras de nevoá, envoltas em vossos vestidos brancos, deslisareis a superficie dos salões, ou melancolicas e saudidas a chorar recordações ou despeito, saudades ou queixas, como lindas angélicas a se espelharem nas águas de seus vasos de crystal.

O Beijamim.

Anecdotas.

No tempo em que os protestantes erão perseguidos em França, um embaixador de Inglaterra pediu a Luiz XIV, em nome do seu rei, a liberdade de todos os presos que estavam nas galés por motivos de religião. « O que diria o rei da Grã-Bretanha, lhe perguntou Luiz XIV, se eu lhe mandasse pedir todos os presos de Newgate? (prisão dos ladrões e malfeitores em

Londres). — Senhor, replicou o embaixador, o rei meu amo vol-os concederia, se V. M. os reclamasse com seus irmãos. »

Em uma assembléa legislativa, n'um dia de sessão um pouco tumultuosa, queixava-se um deputado dizendo: « E' notavel falta de ordem! Ninguem se póde entender na sala; não se ouve nada: *tenho já votado tres vezes sem saber sobre que.* »

Decisão de um rustico.

Três theologos disputavão sobre a vida de Jesus Christo, analyzando varias e mysteriosas passagens da sua vida. Um rústico, que nem sabia lêr, mas estava presente, quiz tambem entrar na conversa, pedindo-lhe que lhe dissessem: *para onde ia Jesus Christo quando tinha doze annos?* Reflectirão os theologos um pouco, e discordarão. Um disse que para Jerusalém — outro para Nazareth — e o terceiro para Theberíades. O rústico replicou, vista a discordância — que elle sabia muito mais que todos os tres, porque era capaz de decidir a questão com toda a justiça. Rogarão-lhe os theologos, que se explicasse — « Senhores, diz o rústico cheio de orgulho, quando Jesus Christo tinha doze annos, *ia para os treze.*

A charada do n.º 25 é: *Desprezo.*

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.